

Editorial

“Consciência de Classe”

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a confiança em mim depositada, por ocasião do III Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia e IV Fórum Paulista de Musicoterapia, na reunião anual da UBAM, ocorrida em São Paulo, quando foi realizada a votação e fui eleita pelas associações brasileiras para ser a nova Secretária Geral dessa entidade. A atual equipe terá sua gestão de outubro de 2002 a outubro de 2004. Farei o meu melhor para dar continuidade ao excelente trabalho desenvolvido por nossa amiga Marly Chagas.

Estamos atravessando momentos difíceis mas, também, satisfatórios em muitos aspectos. O que posso reafirmar é que procurarei me empenhar ao máximo, para desenvolver um trabalho honesto e inteligente, com metas à integração da classe e auxiliar na sedimentação do profissional musicoterapeuta, colocando-me à disposição para, junto a meus amigos e colegas, conquistarmos a regulamentação da profissão. A todos, o meu respeito e agradecimento.

Muito tem sido feito, nesses últimos anos da musicoterapia brasileira, em prol da profissão. Nosso projeto de regulamentação tramita, paulatinamente, em Brasília e sabemos que segue o caminho certo. Todos temos trabalhado com afinco e estamos obtendo significativos resultados; temos conquistado a classe científica com nossas produções escritas, projetos e participações ativas em congressos importantes; temos demonstrado grande preocupação com a nossa prática clínica, no sentido de sistematizá-la; temos estudado mais, mesclando-nos a outros profissionais, mostrando nossas caras e até dando-as para bater...; temos aberto mercado de trabalho em instituições de peso, concursos para exercício de cargos de musicoterapeutas; temos recebido convites para participar de eventos de outras áreas, como os congressos da ANPPOM (Associação Nacional de Pesquisadores e Pós-Graduados em Música), o que muito nos orgulha; temos sido procurados pela mídia, através de jornais e revistas, rádios e televisões; temos buscado fundamentar nossos estudos teóricos e nossa prática clínica em ciências e artes afins, embora não tenhamos nos esquecido de desenvolver nossa própria abordagem, nossa própria filosofia porque, simplesmente, conhecemos nosso potencial e acreditamos no que fazemos.

Mas...

Embora já tenhamos dado passos significativos para o progresso da musicoterapia, ainda estamos longe de sermos uma classe consciente de nossos deveres como *cidadãos-musicoterapeutas*. Cumprimos muitos deveres, trabalhamos com muito afinco, buscamos constantemente nos aperfeiçoar, estudar, pesquisar mas, na minha opinião,

ainda não somos uma classe consciente de nossos deveres como *cidadãos-musicoterapeutas*. Temos nos esforçado por produzir mais, aprofundar nossa visão, participar mais de eventos, mas ainda não somos uma classe consciente de nossos deveres como *cidadãos-musicoterapeutas*.

Essa consciência coletiva a que me refiro exige mais, muito mais de nós todos. Em primeiro lugar, exige um amadurecimento de grupo como um todo que, evidentemente, deve partir do individual. Acredito que há no exercício profissional, uma exigência de responsabilidade para com o coletivo imanente. Existe uma *função social* a ser desenvolvida. O que há é que o profissional não pode estar dela descomprometido, mas reclama-se-lhe empenho em sua concretização. Afinal, penso que todas as capacidades necessárias ou exigíveis para o desempenho eficaz da profissão são deveres éticos. A reflexão individual não pode bastar-se a si mesma. Há que se extrair dela grande ou total percentagem de pensamento coletivo, como aquele por exemplo, que nos leva a lembrar que não dominamos tudo, não sabemos tudo, não abarcamos tudo sozinhos; que precisamos compartilhar e dividir. É imprescindível lutarmos juntos, lado a lado, paralelamente, com nossos colegas, para que a nossa força seja o mais poderosa possível. Cada vez que arregaçamos nossas mangas coletivamente somos ouvidos e a nossa profissão cresce e, assim, poderemos estar e ser conscientes de nossos deveres como *cidadãos-musicoterapeutas*.

No momento em que paramos para pensar percebemos que as ações individualistas, que visam interesses apenas pessoais, possuem uma carga de omissão e desprazer. Há momentos em que a reflexão bate à nossa porta, mesmo sem planejarmos.

Não importa se, neste mundo, não se pode experimentar todo o favo onde as abelhas, juntas, depositaram o mel; o que importa é que, um dia, alguém vai se deliciar com seu doce sabor.

No atual período, em que estamos enfrentando tantos obstáculos para galgar os mais altos degraus da credibilidade da sociedade em geral, conseguimos encontrar forças em nossos próprios companheiros, naqueles que pensam e agem conosco e que conseguem se manter interessados em caminhar para frente, com objetivos definidos, numa estrada ampla. Esses saberão se desvencilhar da vegetação cerrada, do clima gelado e dos ventos assustadores, porque já terão desenvolvido a consciência coletiva, aquela que nos empurra para realmente sermos *cidadãos-musicoterapeutas*.

Maristela Smith